

## Entre Heidegger e Nietzsche: do ser ao valor

### Between Heidegger and Nietzsche: from being to value

FERNANDO SAUER<sup>1</sup>

**Resumo:** Norteados pela necessidade de nosso problema, buscaremos compreender como, para Martin Heidegger, em sua interlocução com Friedrich Nietzsche, a questão do valor se relaciona à questão do ser. Após impressões incipientes obtidas a partir de algumas passagens de *Ser e Tempo*, poder-se-ia afirmar que o filósofo de Messkirch estaria alheio à problemática do valor, visto o seu caráter marginal na obra que consagrou sua alcunha sedimentada entre os intérpretes heideggerianos: “Martin Heidegger, filósofo serista.” Posição que ratifica-se também em sua grande obra do assim chamado “período tardio”, época da produção das preleções sobre Nietzsche que compõem nosso material de leitura: “A pergunta pelo sentido do ser [...] é e continua sendo *minha* questão e *minha única* questão, uma vez que vale para o que é o *mais único*”.<sup>1</sup> Notadamente, o cerne da analítica do valor não se dá no âmbito da axiologia, mas, antes, em uma aparente “subversão” no trato com o problema, Heidegger dirige a questão em contornos ontológicos. Na interpretação que se propõe como uma “confrontação pensante” (*Auseinandersetzung*), de Heidegger com Nietzsche, é doravante à noção de niilismo que nosso autor enseja “ver além” da suposta conotação axiológica concebida pelo autor da *Genealogia da moral*. A partir da ótica do niilismo, Heidegger joga luz sobre o que estaria implícito na lida nietzschiana com o *valor*, a saber, sua pressuposição ontológica. Ao tratar de niilismo, no seio do pensamento nietzschiano, o valor, que é sempre ser-valor, é relacionado ao *nada*, ou seja, não-ser-valor, Heidegger busca então pela essência do niilismo pensando a própria pergunta sobre o nada. Nesse contexto buscaremos caracterizar a pressuposição ontológica do pensamento sobre o valor.

**Palavras-chave:** Niilismo, ser, valor.

**Abstract:** Guided by the need for our problem, we will seek to understand how, for Martin Heidegger, in his dialogue with Friedrich Nietzsche, the question of value relates to the question of being. After initial impressions obtained from some passages of *Being and Time*, one could affirm that the philosopher from Messkirch would be oblivious to the problem of value, given its marginal character in the work that consecrated his nickname among Heideggerian interpreters: “Martin Heidegger, serist philosopher.” This position is also confirmed in his great work from the so-called “late period”, the period in which he produced the lectures on Nietzsche that make up our reading material: “The question about the meaning of being [...] is and remains my question and my only question, since it applies to what is most unique”.<sup>1</sup> Notably, the core of the analysis of value does not occur within the scope of axiology, but rather, in an apparent “subversion” in the treatment of the problem, Heidegger directs the question in ontological contours. In the interpretation that is proposed as a “thinking confrontation” (*Auseinandersetzung*) between Heidegger and Nietzsche, it is now the notion of nihilism that our author seeks to “see beyond” the supposed axiological connotation conceived by the author of *The Genealogy of Morals*. From the perspective of nihilism, Heidegger sheds light on what would be implicit in Nietzsche’s approach to value, namely, its ontological presupposition. When dealing with nihilism, within Nietzschean thought, value, which is always being-value, is related to nothingness, that is, non-being-value, Heidegger then searches for the essence of nihilism by thinking about the very question about nothingness. In this context, we will seek to

---

<sup>1</sup> Graduado e mestrando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail:

characterize the ontological presupposition of thought about value.

**Keywords:** Nihilism, being, value.

*Conhece muito pouco de nossa época  
quem não experimentou e nem foi tentado  
pela enorme força do  
Nada (Ernst Jünger)*

Se o problema do valor não chega a ser um tema central em sua filosofia, este ganha relevo no pensamento de Heidegger a partir de sua interpretação da filosofia de Friedrich Nietzsche, nas preleções ministradas entre os anos de 1936-39. Notadamente, entretanto, o cerne da analítica do valor não se dá propriamente no âmbito de uma axiologia, mas antes, em uma aparente “subversão” no trato com o problema, Heidegger dirige a questão em contornos ontológicos. Pois, em um esclarecimento preliminar, valor é o que torna válido, um modo de ser, valor só existe enquanto ser-um-valor, e, portanto, perguntar sobre o valor é fundamentalmente perguntar pelo ser.<sup>2</sup>

Se é na lida com Nietzsche que a questão do valor adquire contornos relevantes no pensamento heideggeriano, esse medir-se, como ensejamos demonstrar, não se dá no âmbito da axiologia. Em sua obstinada busca de re colocação da questão pelo ser, Heidegger tem sempre os olhos voltados para o contexto da meta fundamental de sua filosofia. Desse modo, lidera um movimento do eco pandêmico na contemporaneidade: o ver por detrás da máscaras do pensamento nietzschiano.<sup>3</sup> Seguindo a cartilha heideggeriana, Velez bem nos situa quanto *El puesto de Nietzsche en la historia de la filosofía*:

Sobretudo, Nietzsche é um fenômeno metafísico, e temos que vê-lo no horizonte da metafísica. É muito cômodo dirigir a atenção apenas aos aspectos periféricos deste fenômeno, por nos poupar do esforço de pensar. Pois apresentar explicações econômicas, sociológicas ou psicológicas, quase sempre de uma ingenuidade assustadora, resolvemos o problema superficialmente, antes de

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, 2010, p. 33-36.

<sup>3</sup> Cf. 1º cap. (pgs. 7-14) do esclarecedor texto de Eugen Fink. Vide bibliografia.

confrontarmo-nos com ele. (VÉLEZ, 1972, p.13).<sup>4</sup>

Na interpretação heideggeriana de Nietzsche, que se propõe mesmo como uma confrontação pensante (*Auseinandersetzung*), é doravante à noção de niilismo que o nosso filósofo enseja “ver além” da suposta conotação axiológica concebida pelo autor da *Genealogia da moral*. A partir da ótica do niilismo, Heidegger joga luz sobre o que estaria implícito na lida nietzschiana com o valor, a saber, sua pressuposição ontológica. Destarte, Heidegger contesta a caracterização da filosofia de Nietzsche como axiologia, ainda que tenha o valor em alta estima. Ao tratar de niilismo, no seio do pensamento nietzschiano, o valor, que é sempre um ser-valor, é relacionado ao nada, ou seja, não-ser-valor, Heidegger busca então pela essência do niilismo pensando fundamentalmente a pergunta sobre o nada. O caminho nos é apresentado em meio à floresta do dito de Nietzsche “Deus morreu”:

À frequência do discurso dos valores corresponde a indeterminação do conceito. Esta, por seu lado, corresponde à obscuridade essencial do valor a partir do ser. Pois posto que este tão falado valor não é um nada, ele tem de ter a sua essência no ser. (HEIDEGGER, 2022, p. 262).

196

Mas de que modo se faz visível que o valor esteja relacionado ao ser e ao nada? Isso é o que intentamos descobrir ao percorrer este capítulo. Para tanto é preciso nos situar quanto ao horizonte onde tal compreensão pode saltar aos olhos.

Esse contexto se caracteriza pelo já assinalado evento histórico decisivo da modernidade, como assinala Nietzsche pela voz do “homem louco” na *Gaia ciência*: “Não sentimos o cheiro da putrefação divina? - também os deuses apodrecem! Deus está morto!” Isto é, o absoluto suprassensível fundador da realidade sensível perdeu seu poder de fundar. Esse movimento histórico, a saber,

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais — quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior — e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então! (NIETZSCHE, 2012, p. 138).

da perda de poder do Deus cristão enquanto norteador da formação de valores, desautoriza ao homem ocidental uma orientação por seu mais poderoso sustentador. Sendo assim, em que poderia restar o homem se agarrar?

Assim se diz, o fundamento de sentido do ente na totalidade tornou-se abismo. Haja visto, este acontecimento que se caracteriza como a ausência de uma validação da existência, - isto é, a falta do “porquê” viver, - não se caracteriza como uma contingência entre outras, mas, antes, o “ato maior” é oriundo da própria essência velada da metafísica. O *erro* aqui, teria sido considerar um valor legislador superior à própria vida, que se impõe como um “dever”, quando, em última instância, é propriamente a vida que se faculta avaliar, sendo que “vida” é uma palavra nietzschiana para dizer “ser”. Mas que faz o homem? Se coloca ele no lugar do Deus moribundo, o sujeito objetiva o mundo como se fosse o Deus sustentador de seu sentido. Mas estaria o homem à altura desse feito? Ou essa seria mais uma transfiguração do *pecado original*? O advento da busca pela conservação de valores supremos fundadores de sentido para a existência, desconsidera que “o valor conjunto do mundo é inestimável” (WZM, N II, p.214). Pois como nos explicita Heidegger, a partir do § 708 de *A vontade de poder*:

Esse princípio da metafísica de Nietzsche não significa que a capacidade humana estaria fora de condições de encontrar o valor conjunto que não permaneceria velado. Já a busca de um valor conjunto do ente é em si impossível porque o conceito permanece um disparate conceitual; pois valor é essencialmente a condição de conservação e elevação da vontade de poder, uma condição estabelecida e, assim, condicionada por essa vontade. Instaurar um valor conjunto para a totalidade significa colocar o incondicionado sob condições condicionadas. (HEIDEGGER, 2010, p. 214).

Desse modo, fica patente que o ente na totalidade não possui valor algum, isto é: não há nenhuma finalidade última da existência. Dito de outro modo, o devir possui nada de valor. Deste modo, abre-se para nós a compreensão da centralidade do tema do niilismo ante a problemática do valor, e, não apenas, joga-se luz também sobre a preocupação fundamentalmente ontológica de que se vale tal questão, justificando nossa suposição preliminar. Heidegger é, então, absolutamente categórico ao salientar esta posição, se discute-se o pensamento

valorativo, pensa-se exclusivamente na metafísica de Nietzsche.<sup>5</sup>

Isto significa tratar de sua transfiguradora interpretação moral da história da metafísica. Tanto é assim, que valor aparece no âmbito e condicionado pelo conceito metafísico central da filosofia de Nietzsche, a vontade de poder (*Wille zur Macht*).<sup>6</sup> Em face dessa caracterização de nosso problema, esperamos ter ensejado uma determinação sob que contexto o tema do valor é tratado no pensamento de Heidegger.

Importa asseverar, como é notável, Heidegger opera uma espécie de subversão no trato com o problema do valor para o contexto ontológico. Em sua confrontação com o autor de *Crepúsculo dos ídolos*, torna-se claro, uma vez mais: “A pergunta sobre o valor e sobre a sua essência funda-se na pergunta sobre o ser”.<sup>7</sup> Assim sendo, o filósofo da floresta negra joga luz sobre o que está implícito na obra nietzschiana, a saber, a pressuposição ontológica da análise do valor, a partir do niilismo, o que desdiz mesmo a possibilidade de caracterizar o pensamento de Nietzsche como uma filosofia do valor. Pois se o que se segue no pensamento nietzschiano parece privilegiar o aspecto cultural histórico, no caráter daquele “ter-sido essencial” (*Gewesenheit*), pontua Heidegger, o niilismo funda-se em um não levar a sério a pergunta sobre o nada, ou considerando-a no âmbito estritamente axiológico ou ao deixar-se enredar exclusivamente pela lógica frente a essa questão, a tradição avaliou-a como metafisicamente impensável.<sup>8</sup> Nietzsche, legando sua formação filológica, ensejou superar esse encobrimento da questão, causada por um lida lógica excludente, com a sua teoria da interpretação geral, que, ainda que não tenha sido claramente caracterizada, - pelo afeito à figurações autor de *Para além de bem e mal* (1886), - visto “desmascaradamente”,<sup>9</sup> julgamos poder chamar de uma proto-

---

<sup>5</sup> “Supondo que a metafísica de Nietzsche seja a consumação da metafísica ocidental, a confrontação com ela só se torna adequada se disser respeito à metafísica na totalidade.” (HEIDEGGER, 2010, p.71).

<sup>6</sup> A qual, quando citada por Heidegger, aparecerá grafada pela sigla do título alemão “WZM” (*Wille zur Macht*).

<sup>7</sup> (HEIDEGGER, 2010, p.34).

<sup>8</sup> (HEIDEGGER, 2010, p.36-39)

<sup>9</sup> Além da já mencionada obra de E. Fink, quanto a isso, referencia-se o capítulo “A aparência dos antagonismos e os efetivos da vontade de potência” de W. Müller-Lauter.

hermenêutica, pois se trata mesmo de indicativos para uma doutrina da interpretação-apropriativa. Quanto a essas proposições, ponderamos que seria impreterível trazermos uma sustentação pelas mãos do próprio Nietzsche:

O conhecimento histórico é apenas um reviver. A partir desse conceito, nenhum caminho conduz à essência das coisas. Não é possível compreender a tragédia sem ser Sófocles. 7 [185]

Os gregos são o único povo *genial* da história universal; também o são como aprendizes. [...] pois não se contentam em simplesmente usar o que tomam emprestado para decorar e adornar, como fazem os romanos [...] Ademais, não negam absolutamente o que foi importado e o que não é original. 5 [65] (NIETZSCHE, 2005a, p. 13 e 44).

As anotações, que constam ainda no período de juventude do autor e das quais poder-se-iam arrolar tantas outras, julgamos poder ao menos caracterizar o horizonte de nossa proposta interpretativa, daquilo que poder-se-ia chamar: uma hermenêutica da “apropriação-avaliadora”, que, no período tardio de sua filosofia,<sup>10</sup> seria norteadas pela dinâmica das hierarquias da vontade de poder e sob o fiel mais pesado da balança nietzschiana: o eterno retorno do mesmo.<sup>11</sup>

O Capítulo das preleções de Heidegger destinado à análise do “niilismo europeu”, de *A vontade de poder*, é um ponto fulcral da confrontação heideggeriana com o nada. Ali, o tema do valor, que é sempre relacionado à proposta nietzschiana de transvaloração (*Umwertung*), é caracterizado a partir da assim chamada “morte de deus”, isto é, como já exposto, a falência dos valores absolutos antes sustentados pela ideia do Deus cristão. Este abismo de sentido

---

<sup>10</sup> Na década de 1880, quando Heidegger reconhece que Nietzsche teria “encontrado sua posição fundamental no todo do ente e, com isso, a origem determinante de seu pensar.” (HEIDEGGER, 2007, p.10).

<sup>11</sup> “Vontade de poder” e “eterno retorno do mesmo”, bem como, a “transvaloração de todos os valores” são os conceitos centrais da filosofia de Nietzsche, que, mais propriamente os dois primeiros, não sejam amplamente desenvolvidos neste capítulo. Não nos obsta uma caracterização. De maneira deliberadamente condensada, a vontade de poder, que não se trata propriamente de uma aspiração do sujeito, ideia que é rechaçada por Nietzsche, mas sim do modo de ser fundamental de todo ente, quer sempre, mais vontade de poder, segue-se disso um eterno retorno da superação de si, que implica necessariamente em uma transvaloração a ser atualizada constantemente, pressupondo um movimento de destruição e criação, onde niilismo, enquanto desvalorização dos valores até então, aparece como fundamental à nova instauração de valores.

existencial deixado pela desvalorização dos valores supremos, vigentes até então, causaria uma exacerbação do niilismo expresso enquanto nadificação dos valores, por sua falta de fundamento. Destarte, arrolam-se ao menos duas questões a serem pormenorizadas, o que seriam “valores supremos”? E, como esses valores efetivam-se em “desvalorização”? Nestes termos, Heidegger aponta a relação interna subsistente entre valor e meta, pois um valor é sempre um ser-para: “valor é aquilo que torna válido” que “só existe em um ser-um-valor.”<sup>12</sup> Portanto, a pergunta sobre a essência do valor (propriamente nietzschiana) enseja a pergunta pelo ser, e é desde esta perspectiva que continuaremos nossos esforços.

Na lida com o niilismo, a investigação se depara com diversas definições possíveis. Destas, destacamos a que Heidegger nos convida a pensar o niilismo conforme dispõe Nietzsche, “enquanto estado psicológico”<sup>13</sup>, ou seja, não mais entendido apenas como fenômeno histórico em que nos colocamos como espectadores, o niilismo é um acontecimento que vige em nosso ser, tanto somos intérpretes, quanto estamos somos envolvidos por ele. Sendo assim, nos é facultado “recalcular psicologicamente”, isto é: “avaliar tudo em função do valor e computar em função do valor fundamental”.<sup>14</sup> Importa dizer, a psicologia de Nietzsche antagoniza-se à psicologia classicamente concebida como estudo e terapia da alma. O que ele propõe, se devemos nomear, seria uma espécie de “terapia existencial.” Isto significa: tratar do ente enquanto tal em sua totalidade, isto é, Nietzsche não tem em vista a individuação em seu diagnóstico, mas antes uma análise do contexto cultural-epocal que abarca e dispõe o essencial no fenômeno do humano. A “psicologia metafísica” nietzschiana,<sup>15</sup> como caracteriza Heidegger, tem sua definição mais propriamente encontrada no §23 de *Para além de bem e mal*, sendo concebida como “teoria do desenvolvimento da vontade de poder.”<sup>16</sup> A isto Nietzsche denominou “fisiopsicologia”, uma proposta

---

<sup>12</sup> HEIDEGGER, 2010, p.33.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, 2010, p.43.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, 2010, p.62.

<sup>15</sup> “Psicologia é a pergunta sobre o “psíquico”, ou seja, sobre o vivente no sentido daquela vida que determina todo devir no sentido da vontade de poder” (HEIDEGGER, 2010, p.44).

<sup>16</sup> Tradução nossa. “*Entwicklungslehre des Willens zur Macht.*” (NIETZSCHE, 1886, p.29). Importa dizer que na competente tradução brasileira de Paulo César de Sousa

de psicologia “anti-metafísica” e o estranhamento no trato com este termos, bem como com o disseminado “naturalismo” ou “biologismo” de Nietzsche é recorrência ávida na interpretação de sua filosofia, e, para esclarecer ao menos esse antagonismo, aparentemente qualificável enquanto contradição, julgamos impreterível elucidar com as palavras do próprio: “A compulsão subjetiva para não contradizer aqui é uma compulsão biológica” (WZM, N I, p.460). Se nos furtamos de maior desenvolvimento quanto a esse ponto, isso decorre do fato de nos mantermos fiéis a nossa meta para o capítulo, e esta se encontra no estágio da emulação de Heidegger com o “niilismo nietzschiano”. Não obstante, deste pensamento nos interessa compreender: como é possível falarmos da “psicologia”, ou mesmo da filosofia de Nietzsche, como sendo metafísica e anti-metafísica? É na tensão entre as contradições que facultamos pensar o niilismo:

Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Não! *Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!* (Meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPIT ZARATUSTRA. (NIETZSCHE, 2017, p. 26).

201

O que se vê é a tentativa de superação do dualismo legado pela tradição metafísica, a saber, onde o mundo inteligível fundava a vigência do sensível. Pois, quando mata Deus (o suprassensível), o homem moderno almeja se colocar em seu lugar, como doador de sentido e, enquanto tal, como centro de gravidade do ente na totalidade.<sup>17</sup> O que Nietzsche quer tornar desencoberto a esse homem histórico é sua fundação no vazio, pois o mundo sensível só pode ser pensado desde o suprassensível, eis a verdade do niilismo que preludia sua emergência: a morte de Deus fecha absolutamente o caminho para a continuidade do pensamento moderno do homem. Nada mais tem o poder de fundar, o nada deve se instaurar, é o tempo do crepúsculo não apenas para os deuses, mas também já para os ídolos. Agora só nos resta pensarmos a origem

---

(NIETZSCHE, 2005 “b”, p. 27), consultada neste trabalho, difere-se pela opção de “evolução” para a tradução do termo “*Entwicklungslehre*”, onde nós, seguindo a indicação de Frezatti (2019, p. 162), optamos por “desenvolvimento”.

<sup>17</sup> Esse movimento emerge no iluminismo, tendo como dínamo a figura de Descartes e alcançando formulação decisiva para a “reviravolta” na determinação do ser do ente, na doutrina transcendental de Kant.

impensada desse Acontecimento dos acontecimentos. Só assim poderemos nos colocar sob nossas questões fundamentais, transvalorar nosso estágio histórico constituído a partir do sêmem dessa grande gestação. - pois Roma é a avó do ocidente, a Grécia, seu patriarca original. Assim, temos de retornar aos helenos, para então des-construirmos nossa história, é para isso que caminhamos, pela sombra.

Munidos dessa pretensão, nos voltamos para a singular dificuldade circunscrita no pensar junto a Heidegger a questão fundamental sobre o nada, exposta neste dilema nietzschiano, que remonta aos pensadores originários:<sup>18</sup> ser ou não-ser - *metafísica*, eis a questão. De um lado nos assevera Heidegger: o confronto com Nietzsche é o confronto com toda a metafísica, pois nele encontra sua consumação - seria esse o seu lugar? De fato, o olhar direto para a essência da metafísica nos permanece obscuro - mas não fiquemos petrificados diante da górgona, *serenamente*, aproximemo-nos circunscrevendo seu reflexo. Em suma, o que anuncia-se indelével neste momento é a confrontação com “o que é” o niilismo de Nietzsche, alí se mostra em ocultação a essência da metafísica em seu acabamento, a saber, *a hercúlea tarefa de pensar o tempo da distinção* entre a questão diretriz (o que é o ente?) e a questão fundamental (o que é o ser?) da filosofia, advertidos pelo próprio Heidegger de que nesse terreno “se torna questionável onde e como se pode ainda falar de ente e de ser.”<sup>19</sup>

Nesse ponto de nossa empreitada, a fim de marcar posição, tentemos compreender a qualificação do “niilismo completo” de Nietzsche. Heidegger nomeia Nietzsche o “niilista clássico”.<sup>20</sup> - Isso significa: a posição essencial da história da metafísica.<sup>21</sup> A saber, o niilismo afirmativo nietzschiano,<sup>22</sup> contra-

---

<sup>18</sup> A saber, os chamados “pré-socráticos”, que atendem pela denominação de *Physiologi*.

<sup>19</sup> HEIDEGGER, 2010, p.63.

<sup>20</sup> HEIDEGGER, 2010, p.213-214.

<sup>21</sup> Com isso marcamos - categoricamente, - o estatuto hermenêutico de nossa interpretação: a lida confrontativa, tal como a concebemos, não considera os aspectos pessoais de um filósofo por pretensa curiosidade intelectual de “eruditos”, tampouco como se aspirássemos uma “rinha” de argumentos entre “autoridades do pensamento”. Antes, vem à luz, pois, pelo reflexo de certa “personalidade” enquanto imagem deste ressoar do acontecimento do *ser*, - que é histórico, e sempre e a cada vez se faz passível a uma *con-frontação*. É dessa *forma* que esperamos pensar uma genuína compreensão.

<sup>22</sup> HEIDEGGER, 2010, p.69.

negador da determinação substancial do ser do ente em sua totalidade, isto é: se afirma a absoluta ausência de valor da existência, tal como expresso naquilo que se denomina sabedoria trágica: “Nós estamos fazendo um experimento com a verdade! Talvez a humanidade pereça como ele! Assim seja!” (WZM, N I, p.224). Enfim, Nietzsche não está dentre os que propriamente caracterizam a tradição metafísica do esquecimento da pergunta pelo ser, pelo enredo na *gigantomachia peri tes ousias*.<sup>23</sup> A metafísica de Nietzsche é, nesse sentido, tão peculiar quanto decisiva. Precisamente porque a vida é desprovida de pré-definições que a determinem, e, todavia, ela se vem-a-ser, é que se faz possível (e imperativo) pensar a verdade da abertura para o ente que a habita.<sup>24</sup> Nietzsche se põe frente à pergunta de maneira original e categórica para a história do pensamento ocidental, “[...] a convicção de que nós não temos a verdade. Todos os homens antes de nós ‘tinham a verdade’: mesmo os céticos.” O regresso à investigação pelo **sentido** do ser que se dá desde este nada primordial, é o ensejo do homem histórico à ontologia fundamental, pois a repulsa à possibilidade de uma verdade do ser fixada sobre o ente na totalidade, - tal como propomos, - caracterizaria um horizonte para se pensar o valor como verdade, como aquilo que faz ver desde uma ocultação originária e é pensado como *páthos*, tal como vida, a palavra *physis* reaparece em Nietzsche para se reportar ao ser em seu surgir. No § 110 que compõe *A vontade de poder*,<sup>25</sup> onde o valor é pensado ontologicamente, como uma “fenomenologia do valor”<sup>26</sup> nos é esclarecido seu problema: “O sentimento, como sentimento de valor (*Werth-Gefühl*), não está à altura do tempo.” O valor “está sempre atrasado”, é preciso pensar aquilo que o antecede, o mais primordial, é preciso pensar ontologicamente. Assim se dá a pensar a conexão entre sentimento-sentido-sentir. Se nos apresenta pensar existência, isto é, o vir-a-ser sempre em ato. O fato de “sermos para fora” é o que caracteriza o

<sup>23</sup> Cf. HEIDEGGER, 2007, p. 506-510. Quanto ao grego: 1º§ de *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2012).

<sup>24</sup> Lembremos: “vida” é uma palavra nietzschiana para dizer “ser”. Em termos heideggerianos diria-se: o ente que habita o ser.

<sup>25</sup> 10 [23] do outono de 1887. Utilizamos uma tabela de correspondência com os fragmentos da edição da KGW Colli e Montinari, tal como indicado em nossa bibliografia.

<sup>26</sup> HEIDEGGER, 2010, p.72.

*páthos* como sentimento, esse sentir-aparecer temporalmente na ex-istência, é que é valor. Nesses termos, ser é então sentido.

Essa consideração ontológica, portanto, é cabalmente marcada como âmbito prévio de *tendência* ao *sentido* de existir. Dito de outro modo: uma tendência à compreensão, que se dá ante a tensão originária de seu nada de *valor* em si, que admite a seguinte formulação: “verdade é um tipo de erro sem o qual um determinado tipo de ser vivo não conseguiria viver. O valor para a vida é o que decide em última instância.” (WZM, N I, p.190). Dito categoricamente: Valor é pro-duto do tempo. Assim sendo, é determinado pela vida, ou seja, pelo ser. Dizer a verdade como valor significa: o ser se dá a ver como temporalidade. O ponto de vista do valor é, fundamentalmente, o modo do ente humano como aquele que avalia. Nesses termos, como aquele que é na *medida* que vê o que se mostra como tempo, avaliação é sua “*contagem*”. - Esse contar, todavia, não explicita que seja um *mytón tina diegeistai*.<sup>27</sup>

Agora como que se abre para nós a compreensão de nossas perguntas sobre o niilismo, pois vendo o valor nesse horizonte podemos compreender o que, no fundo, quer dizer “desvalorização dos valores supremos”. Significa que o modo como o ser se dá a ver pelo homem, apresenta-se como nada, como sem *sentido*, como porta fechada. Dizer que nada vale equivale a dizer: nada se deixa ver como tal. Por fim, fica patente o que dissemos acima. Esse evento provém da morte de Deus, quanto o homem se coloca como doador de sentido para si, o engano da auto-predicação se evidencia, o homem jamais poderia alcançar o tamanho do Deus que matara, o sol não mais poderia voltar a iluminar seu horizonte, gradativamente, as sombras se instauram e ele não mais *pode ver*. Toda *theoria* vem esvaindo seu poder de *Ver-dade* desde que foram abandonadas pelos deuses - nos entendemos nesse sem-fundo? Como poderá o *homem ir além* agora?

O que o niilismo encerra em si, é mesmo “o essencial não-pensar a essência do nada”.<sup>28</sup> Isto é, a configuração formada por pontos de vista, quando instaurada valorativamente como *veritas*, ou ainda, como o passível de ser enunciado formalmente, silencia o pensamento sobre a negatividade. Assim, o nada vige

---

<sup>27</sup> Platão, *O sofista* (Apud. HEIDEGGER, 2012, §2).

<sup>28</sup> HEIDEGGER, 2010, p.39.

oculto, impensado pelos herdeiros da racionalidade-lógica. Esse evento, no entanto, não se restringe à modernidade que chega a nós, mas perscruta toda a história da filosofia, desde Platão e Aristóteles, de onde se origina, *bem ou mal*, toda a nossa tradição.

O modo como Nietzsche constatou esse acontecimento no seio de seu pensamento, como preludiamos acima, é - para quem tem ouvidos -, a doação de palavra a esse indizível. Dessa maneira, fica patente como o valor, tal como pensado por Nietzsche, é propriamente tratado ontologicamente na interpretação heideggeriana, pois o valor, enquanto *contagem* daquele fundamental “ver que pontua”, faz ver o próprio acontecimento do ser em sua nadificação. Nos diz Heidegger - e quem tem olhos, que veja:

Tomado de maneira ampla e essencial. [pensar “o ápice da consideração”] Eternidade como [...] um agora que rebate a si mesmo: o que é isso senão a essência velada do tempo? Pensar o ser, a vontade de poder, como eterno retorno, pensar o pensamento mais pesado da filosofia significa pensar o ser como tempo. (HEIDEGGER, 2007, p.20).<sup>29</sup>

Como esperamos ter deixado suficientemente lúcido para nossas pretensões parciais, é por esse caminho do pensamento que, em suma, situamos o lugar de Nietzsche como o pensador essencial do “fim da metafísica”. Seu “niilismo clássico” congrega toda a história de sua tragédia e ocupa o limiar da *transvaloração* naquele pensamento que se sabe “sabedoria para depois de amanhã”. Pois ainda é preciso **es-tender** a essência da metafísica até seu último fundamento - razão pela qual teria Nietzsche “nascido póstumo”. O niilismo tem de ser consumado - só assim *poderemos criar* asas para **amar** ao abismo. Essa constatação, se expressa, naquela que é a mais clássica das formulações da metafísica de Nietzsche, que, transfigurando o sentido da *Anagke* dos gregos antigos,<sup>30</sup> concebe os seguintes termos:

<sup>29</sup> Heidegger faz referência àquele que seria o aforismo que expressa mais cabalmente a metafísica nietzschiana (*A vontade de poder*, 2008, p.316), ele seria central para toda a interpretação heideggeriana da filosofia de Nietzsche, tal como se encontra em HEIDEGGER, 2010, p. 218.

<sup>30</sup> Deusa do destino, mãe das moiras, personificação de “necessidade”. Na sequência versaremos como “fatalidade”. Também fará alusão ao dito de Nietzsche em *Ecce Homo* (2008): “porque eu sou um destino.”.

“Cunhar sobre o devir o caráter do ser - esta é a *mais elevada vontade de poder*.”

Dupla falsificação, a partir dos sentidos e a partir do espírito, a fim de conservar um mundo do ente, daquilo que perdura, daquilo que é equivalente etc.

Que tudo retorna é a mais extrema *aproximação de um do devir ao mundo do ser*: - Ápice da consideração” (WM, N II, p.218).

Aqui, por assim dizer, a essência do niilismo clássico de Nietzsche emerge da lusco-fusca tensão entre ser e nada, aqui, onde *physis* é pensada como eterno surgir de si mesmo, nos é facultado fazer ver a errância fundamental da história da metafísica que permaneceu impensada, assim se assume o niilismo enquanto “estado psicológico”, isto “diz respeito à posição do homem [...] como acontecimento no qual é histórico”.<sup>31</sup> O que nos é dito enquanto “tentativa de transvaloração de todos os valores” chamamos de niilismo clássico, isto significa, primordialmente, a tentativa nietzschiana de consumação do niilismo - pois essa é a *fatalidade* do nosso tempo.

Enfim, nos são facultados contornos parcialmente decisivos, compreendem-se os termos de nos fala a “psicologia metafísica” de Nietzsche: o desvelar da pré-disposição fundamental de abertura do ente na totalidade, a saber, na linguagem de nietzschiana, o impulso à interpretação. Isso é modo de ser da existência oriunda daquele ente que encontra-se entre-meio àquele “ver que pontua”, compreende, *Avalia*.<sup>32</sup> Desse modo, o advento do niilismo é, pois, necessário:

Porque nossos valores até agora são aqueles mesmos que o acarretaram como a sua última consequência; porque o niilismo é a lógica dos nossos grandes ideais pensada [...] como uma correnteza que anseia por chegar até o fim e que não mais se lembra, tem medo de lembrar-se (NIETZSCHE, 2008, p. 23 e 24)

No caminho percorrido até aqui, mais fizemos por fechar as pontas soltas e dar corpo a nosso esboço introdutório. O que, não obstante, abriu a vereda que nos situou em meio ao fado de pensarmos o niilismo como essência de nosso tempo, assim atentamos à sua *lembrança* no seio da metafísica. Lembrança pela

---

<sup>31</sup> HEIDEGGER, 2010, p.45.

<sup>32</sup> HEIDEGGER, 2010, p.75.

qual avançaremos nossa leitura nesse grande horizonte do pensamento. Nietzsche, “o primeiro niilista consumado”, *atentou-se* a esse acontecimento em seu diagnóstico da alma histórica do homem ocidental. A essa tentativa de *anamnese* da filosofia, chamou fisiopsicologia. Adiante, então, desentreviremos o modo como essa corrente *pathológica*<sup>33</sup> denominada niilismo encontra sua forma per-feita, e como é *tractada* por nosso pretense primeiro psicólogo. - Suas águas nos levarão ao centro do abismo da metafísica de Nietzsche.

## Referências

BILATE, Danilo. (2010). *Lista de concordâncias entre A vontade de poder e a edição Colli-Montinari*. in: Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2010 – Vol.3 – nº1 – pp. 164-172.

FINK, E. (1988). *A filosofia de Nietzsche*. trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Editorial Presença.

FREZZATTI Jr., W. A. (2019) *Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX*. São Paulo: Humanitas.

HEIDEGGER, M. (2003). *Beiträge zur Philosophie (Von Ereignis). Gesamtausgabe*. Vol. 65. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.

HEIDEGGER, M. (2007). *Nietzsche I*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HEIDEGGER, M. (2010). *Nietzsche II*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

HEIDEGGER, M. (2012). *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes.

HEIDEGGER, M. (2012). *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes.

HEIDEGGER, M. (2022). *Caminhos de floresta*. Coord. da trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MÜLLER-LAUTER, W. (2009). *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. Claudemir Araldi, São Paulo: Unifesp.

NIETZSCHE, F. (2005 “b”). *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo:

---

<sup>33</sup> Grafamos com “h” para enfatizar de que “se trata” no sentido originário do grego “*pathos*”. Depois, salientamos o emprego do sentido do termo latino “*tractare*”.

Companhia das Letras.

NIETZSCHE, F. (2008). *A vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes; Apres. Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto.

NIETZSCHE, F. (2017). *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras.

NIETZSCHE, F. (2009). *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)*. P. D'Iorio (org). Paris, Nietzsche Source, <<http://www.nietzschesource.org/ekgwb>>

NIETZSCHE, F. (1886). *Jenseits von Gut und Böse: Vorspiel Philosophie der Zukunft*. Leipzig: Druck und Verlag von C. G. Naumann.

NIETZSCHE, F. (2005, "a"). *Sabedoria para depois de amanhã*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes.

STEGMAIER, W. (2013) *Nietzsche segundo Heidegger*. In: As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche. Trad. Oswaldo Giacoia Jr, et al. Petrópolis: Vozes, p. 249-268.

VELEZ. D. (1973) *El puesto de Nietzsche en la historia de la filosofía*, in. Lefebvre. Nietzsche. México: Breviarios del Fondo de Cultura Económica, p. 7-48.

Submissão: 18. 11. 2024

/

Aceite: 30. 11. 2024